

Intelectuais negras em universidades públicas do estado Ceará: mapeando estratégias de enfrentamento racial

EUCLIDES, Maria Simone. DA SILVA, Joselina. Intelectuais negras em universidades públicas do estado Ceará: mapeando estratégias de enfrentamento racial

Maria Simone Euclides /Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí Campus Cinobelina Elvas/Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: simoneeuclides@yahoo.com.br

Joselina da Silva/ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: joselinajo@yahoo.com.br

MT: 63 Historia de las mujeres negras en América Latina: luchas, aportes y desafíos

Palavras-chaves: raça, trajetórias profissionais, docentes negras.

Resumo

Há um número considerável de estudos sobre gênero e ciência no Brasil e na América Latina; buscando compreender e dar visibilidade a mulheres e suas contribuições para a ciência; todavia, pesquisas que elucidem a interseccionalidade de gênero, raça e ciência não se encontram com exatidão. Estudos de Joselina da Silva (2010) e Minella (2013) já problematizaram a discussão de que há ausência de estudos que articulem gênero, raça e ciência. A maioria dos estudos que tratam de mulheres negras docentes enfatizam, pelo lado da trajetória de vida, as situações de racismo e sexismo enfrentadas até a inserção no doutorado. O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada por “**Mulheres negras, doutoras e professoras universitárias**”, cujo objetivo é analisar a trajetória profissional de mulheres negras doutoras e professoras universitárias que atuam em universidades públicas do estado do Ceará. Objetivamente, nesse artigo, trazemos os desafios de tais professores, a saber- intelectuais doutoras e professoras universitárias-, bem como as nuances do racismo e sexismo no espaço acadêmico. A metodologia adotada parte de uma pesquisa qualitativa mediante a realização de entrevistas semi estruturadas. Os resultados encontrados até o momento, chamam a atenção para a perpetuação de racismo e sexismo gestadas nas universidades e as estratégias cotidianamente redesenhadas por docentes negras, mediante o enfrentamento direto em seu *lócus* de atuação acadêmica e a militância negra exercida por diversas maneiras.

Apresentação

Ao longo dos últimos 10 anos, vimos assistindo contribuições efetivas no que tange ao combate e a problematização do racismo em nossa sociedade. De maneira efetiva, a Lei 10.639, do ano de 2003, constitui-se como um marco legal que institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos afro-brasileiros, em forma de lei, trazendo novas exigências às instituições escolares, na qual, há a necessidade de maior compreensão dos educadores e adoção de estratégias metodológicas no que tange a promoção dessa igualdade dentro e fora do espaço escolar.

No contexto político atual, no qual vivemos a cada dia, retrocessos no que tange a valores morais, éticos e políticos, o processo de formação em prol de uma educação que vise a igualdade e a superação das dicotomias e hierarquias sociais, principalmente no que se refere as questões étnico-raciais, ficam comprometidas. Mesmo com todo o cenário, de cortes públicos para o financiamento da educação, muitos educadores (as), que acreditam no trabalho efetivo da escolarização como “arma” fundamental nesta luta contra hegemônica, continuam a realizar seus respectivos trabalhos tendo como convicções e prerrogativas, a busca por equidade e oportunidades para os indivíduos ainda alijados de condições materiais e estruturais de sobrevivência.

Assim, ainda que a passos lentos, vários pesquisadores, ativistas e educadores, vêm discutindo e ampliando as possibilidades de um trabalho diretivo junto aos professores de escolas públicas. Principalmente a universidade, enquanto lugar de produção e propagação de conhecimentos, vem assumindo essa dimensão formativa por meio de capacitação em cursos, oficinas e projetos diretamente ligados as atividades de extensão universitária.

O objetivo deste artigo, é apresentar as intervenções realizadas por docentes negras em universidades públicas do Ceará, em relação ao fortalecimento da questão racial junto a comunidade externa, a universidade mediante suas respectivas atividades realizadas no âmbito do ensino e da extensão universitária¹. As análises têm como aporte teórico, as discussões Hooks (2013), sobre o ensino como prática de liberdade e a docência como o lugar da insurgência.

¹Caracteriza-se como atividades de caráter extensionista, toda atividade na qual há uma relação entre a universidade e a sociedade civil, mediante o oferecimento de cursos, oficinas, projetos de intervenção dentre outras atividades práticas, no qual há contribuições práticas para os dilemas da realidade.

Problematização

A partir da narrativa de 10 docentes negras que atuam em universidades públicas do Ceará, neste texto, trazemos contribuições de suas presenças enquanto docentes, intelectuais e militantes negras no que diz respeito ao enfrentamento cotidiano e a construção de estratégias concretas nos espaços acadêmicos das universidades e junto à comunidade externa -, tendo como foco de análise seus respectivos trabalhos de extensão universitária. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a dez docentes² de três instituições públicas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro - Brasileira, Universidade Estadual do Ceará, Universidade Regional do Cariri e Universidade Federal do Ceará.

Adentrando na lógica das universidades brasileiras, em boa parte, encontraremos a menção de que a mesma é regida por três pilares: pesquisa, ensino e extensão, como dimensões indissociáveis. O ensino se refere, à atividade executada em sala de aula, orientação de alunos e preparação das aulas; a pesquisa aos processos investigativos sobre assuntos motivados pela curiosidade docente e /ou realidade; e, por último, a extensão, que diz respeito a inserção da universidade junto à comunidade externa, por meio de atividades prático-reflexivas.

Embora cada docente, tenha uma afinidade maior com um determinado eixo: ensino, pesquisa ou extensão, o que percebemos nas entrevistas, foi o caráter político quanto ao seu ofício de professora universitária. Toda a dimensão política tem se constituído a partir da condição de gênero e raça, vivida em sua materialidade e corporeidade, pelas docentes, e redimensionadas na academia:

eu acho que é uma responsabilidade muito grande de ser professora, ser mulher negra porque eu além de ter esse meu exercício profissional, mas eu também eu sou para aquele grupo que eu lidero, para aquele grupo que está comigo sou liderança, sou referência e isso, é uma responsabilidade muito grande (Dandara, 2015).

A responsabilidade é redobrada, pois cada uma a partir de suas trajetórias e reflexões sobre as questões étnico raciais e de gênero, têm consigo a importância do lugar na qual estão (a academia), e a realidade de seu grupo racial, ainda pertencentes a uma camada alijada da

² De modo a manter o anonimato das professoras negras e fazer jus as suas respectivas lutas cotidianas, resolvemos identifica-las por mulheres negras que na histografia brasileira trazem como símbolos a luta e a resistência dentre elas: Dandara, Carolina Maria de Jesus, Nzinga, Antonieta de Barros, Preta Zeferina, Luiza Mahin, Tia Marcelina, Jovelina Perola Negra, Josina Mashel, Filipa do Pará

sociedade. Por conseguinte, cada uma das docentes interpeladas, dentro das suas possibilidades e realidades, lançam mão de dispositivos diversos para o enfrentamento de modo a não se intimidarem, reafirmando cotidianamente a sua inserção no universo científico, quer seja, na militância dentro da sala de aula, quer seja na discussão em seus respectivos grupos de estudos e pesquisas. Realizam um trabalho efetivo abordando as questões da diferença e da desigualdade, por várias dimensões e dessa forma chamam a atenção da academia científica para repensar suas práticas educativas em prol da construção da igualdade e cidadania para o bem viver.

Conforme Bell Hooks (2013), nos afirma em seu livro “Ensinando a Transgredir: a educação como ato de liberdade, a sala de aula, continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia. Espaço de reinvenção, crítica, construção e reconstrução de “verdades” e “ideologias”. Dessa forma, no departamento onde cada docente está inserida, a discussão sobre a temática racial continua de modo latente combinada as questões de gênero, às problematizações das questões estéticas em ser mulher negra, intelectual e professora universitária. Tais inserções se caracterizam como tentativa de dar respaldo e multiplicar pesquisas que aprofundem a discussão tanto racial quanto de gênero. Como bem destacado por uma das entrevistadas é o espaço onde elas se encontram enquanto pesquisadoras e aglutinam demais estudantes que também vivenciam situações de discriminação e preconceito nos espaços da universidade.

Especificamente, em se tratando da prática docente percebida nas mulheres negras, dizem muito sobre o “papel”, que ambas conferem ao processo educativo para além da escolarização e/ou aquisição de códigos e conhecimentos ditos “científicos”. Trata-se de concepções de escolarização, dentro de uma perspectiva subversiva para a lógica da “normalidade imposta”. Como destacou Oliveira (2015, p. 11), docentes negras no ensino superior, são consideradas transgressoras uma vez que questionam, problematizam e passam a exigir atitudes concretas de igualdade e possibilidades de acesso e permanência daqueles que ainda estão a margem dos cânones acadêmicos.

A atuação, bem como, o compromisso com as questões raciais, advêm, de suas experiências vividas ao longo das respectivas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais. Como por exemplo, a participação em lutas sindicais, organizações não governamentais, diretórios de estudantes, movimento negro, dentre outros espaços de militância e formação.

Conseqüentemente tais reflexões iniciadas antes da entrada no ensino superior, passam a ser equalizadas durante todo processo formativo, desde os temas de discussão no mestrado, doutorado, à seus respectivos projetos de pesquisa e extensão dentro das instituições. A militância, não deixa de ser exercida após o processo de formação acadêmica. Todo o trabalho, parte de uma perspectiva crítico reflexiva.

Quando se tornam docentes universitárias, essa inquietude não deixa de existir e muito mais do que uma simples profissão, o espaço da docência universitária torna-se também lugar de problematizar padrões culturais hegemônicos e eurocêntricos. A relação com a militância negra antes da entrada no mundo acadêmico, marca profundamente o olhar e a questão política como cada uma vai lidar com as questões raciais, propriamente o racismo em sua dimensão institucional. Assim, enquanto professoras universitárias, continuam a realizar as discussões raciais pelo viés da luta pela igualdade e respeito, seu desejo enquanto tal, é pensar propostas interventivas junto as escolas do entorno da universidade, a fim de ressignificar e contribuir para o fortalecimento de identidades negras.

De modo geral, seus respectivos trabalhos universitários de pesquisa e extensão, em grande parte, enfatizam o protagonismo e a resistência das populações negras nas diferentes esferas do conhecimento, rompendo com a lógica de estudos embasados tão somente pelo viés da escravidão. Desta forma, além da denúncia da discriminação e do preconceito racial nos espaços educacionais e/ou outras instâncias, vão corroborar de maneira direta na elaboração de alternativas e propostas para a minimização do mesmo que contribuirão e contribuem para a construção de relações menos conflitivas e desiguais.

Deste modo, não é somente estar lá (nas universidades), enquanto números, quantidade de professores negros na docência, mas o estar no sentido qualitativo, de pessoas que agora ocupam um lugar de “excelência na sociedade”, e que por esse motivo, reivindicam, a partir de suas posturas críticas e reflexivas, novas formas de pensar, falar e dizer sobre a negritude. Muito mais do que integrar a um *ethos* já consolidado sobre pensar e fazer científico, mulheres negras nos espaços acadêmicos, priorizam o respeito e a legitimidade de um conhecimento prático e politicamente engajado com as adversidades de seu povo, de sua historicidade.

Neste sentido, a articulação entre a docência e o falar sobre as questões do racismo, é algo que representa a própria militância e o compromisso com os demais que ainda não ocupam o espaço

universitário e que cotidianamente sofrem as injúrias raciais. Na orientação de bolsistas de iniciação científica, extensão ou da pós-graduação, o compromisso com a propagação das discussões e a contribuição na construção de um conhecimento negro livre das ciladas do racismo e sexismo também é bastante pertinente, realizada de forma concreta. Como relatado por Vera, o compromisso ético e político culmina com o que cada uma vivenciou e/ou vivencia racialmente no cotidiano das universidades:

não adianta eu lutar por ações afirmativas se eu não me construir como referencial dentro da universidade e poder acolher outros negros e negras que chegarem lá porque uma das minhas grandes brigas até hoje é que eu digo assim: ó, a negrada tem que chegar até o doutorado, não basta você chegar até a graduação dentro da universidade, não basta. Eu estou com dois casos recentes de duas mulheres negras que eu conheço; uma delas, ela simplesmente, ela não defendeu, ela perdeu o doutorado, isso é uma perda coletiva se for pensar assim; uma outra que estou muito preocupada com ela. Então, são situações que dizem um pouco do que pode vir a acontecer. (Luiza Mahin, 2015).

Enquanto compromisso político, a docência aqui mencionada, vai além da transferência de conhecimento em sala de aula, mas sim, a articulação dos saberes com uma forma diretiva de repensar as relações dentro e fora do espaço escolar, no que diz respeito a questionar “verdades” que diferenciam indivíduos na sociedade. A ideia é formar gente, sobretudo, negros e negras, alijados do sistema educacional e que posteriormente, venha a se preocupar com as adversidades que acontecem com este segmento populacional, ou como argumenta a professora Dandara, a ideia é formar gente, pensando na gente” (Dandara, 2015):

o caminho que eu busco de superação é fazer a escola, o que eu chamo de fazer a escola é formar pessoas pra que volte pra ocupar esse lugar em que eu estou porque eu não tenho condições de ficar lá, eu tenho que ter mais interlocutores, mais orientandas que vá para o mestrado, que vá para o doutorado e volte em forma de seleção pra ir ocupando esses espaços isso demora (...), há pessoas que eu estou fazendo no máximo que eles estão conseguindo ainda já está no doutorado, mas eles têm que terminar o doutorado, tem que ter concurso e voltar pra universidade pra ajudar e, (...) meu produto de trabalho mesmo é formar gente e aí formar gente com uma consciência crítica em termos de negritude, esse é o produto final do meu trabalho, da minha existência e aí eu tenho muitos embates nesse sentido a gente percebe coisas assim pequenas de não dar vez, de não dar voz às mulheres negras. (Dandara, 2015, Grifos da autora).

Além disso, o foco é multiplicar possibilidades dentro e fora das universidades. Assim para além da militância fora do espaço universitário, mediante as discussões que assinalem resistência e o respeito as minorias, apresentando pautas até então tabus dentro da universidade

como a adoção ao sistema de cotas raciais, tais professoras iniciam discussões sobre gênero e sexualidade, sendo referências para demais alunos (as) negros (as).

Ao considerar em sua ação docente princípios de igualdade e equidade, estabelecem na medida do possível, iniciativas concretas de trazer quem está a margem para o centro da discussão, por meio de projetos e debate nas instituições. Como bem destacou a professora Antonieta de Barros, “é pensar como é que as diferentes formas que você tem de promover alguém, que está sempre em desvantagem”. A profissão professora, aqui carrega a noção explícita do professorar, ou seja, fazer jus ao título que carrega, a saber, constituir-se como referência e referencial aos demais alunos (as), no embate contra os “ismos” e na construção de conhecimentos outros, que nos façam sair da margem do pensamento científico eurocêntrico, que historicamente nos constituiu. Aqui não se vê uma adaptação ao que já se tem escrito ou pensado, mas a construção de um conhecimento que não se contenta com o que se tem dito ou produzido até então, a saber, a negação dos povos negros (as), suas histórias, pertencimento, corporeidade e inteireza.

Trata-se de uma atuação ancorada em valores da ética e da estética, que culminam, como diria Paulo Freire (1996), em um saber ensinar que não se restringe à ideia do transferir conhecimento, mas que impulsiona o educando à curiosidade e ao despertar para a conscientização. Construção de um saber docente e discente, ancorado na ética revelada na inteireza, honestidade e justiça social. Neste sentido, rompe-se com o paradigma da escrita ocidental etnocêntrica e sexista, para uma pesquisa comprometida com as questões dilemas na sociedade. Como a docente Nzinga salientou, a *devolutiva está na sala de aula*.

Em cada lugar que a gente vai ta atuando nessa sociedade, como mulher e professora negra, isso repercute diretamente nas possibilidades de vida das nossas alunas e dos familiares dessas alunas mulheres e negras, e alunos negros também, porque eles se reconhecem na possibilidade de ser também poder ser professor, doutor, pós doutor, professor universitário, assumir a sua cor né, se reconhecer porque se reconhece no professor. Até o nosso cabelo, a forma de se vestir isso faz com que alunas se assumam [...] Quando eu comecei a usar o meu cabelo na perspectiva afro todo mundo se sentiu reconhecido, começou a ver isso não como moda, mas como uma posição política, uma forma de resistência, de mostrar que sou mulher sou professora sou doutora sou negra e assumo minha negritude. (Nzinga, 2015).

Há uma clareza fortemente relacionada as reais condições de acesso e permanência de jovens negros, sobretudo mulheres negras na academia, bem como as nuances e dilemas raciais vividos no cotidiano por boa parte de negros e negras no Brasil. Dessa forma, a consciência dos desafios

e a importância que a sua identidade de mulher negra, docente e intelectual, a cada dia, torna-se mais elaborada a ponto de pensar de modo global e coletivo nos demais sujeitos não brancos que se encontram em posições desprivilegiadas em nossa sociedade. Para além da necessidade objetiva, que é a de obter um salário que possam viver bem financeiramente, não se trata somente de um projeto individual, mas em um dever/fazer presente em suas práticas pedagógicas profissionais.

O nosso trabalho é um trabalho que tem que render garantias das condições objetivas que é salário, mas é esse trabalho que dá sentido a uma visão de mundo que é uma construção de um outro mundo possível, entende? então eu luto pra mim poder ter dinheiro pra mim pagar minhas contas, pra mim comer, pra mim poder ter as condições, mas eu luto por um ideal de projeto, veja que eu acho que é isso que tem de específico em nós mulheres negras, uma mulher negra consciente no sentido de quer romper com essa sociedade, com essa discriminação e fortalecer o perfil identitário de nós negros. (Dandara, 2015).

É possível apontar, que de maneiras diferenciadas, todas as professoras aqui mencionadas, carregam consigo um viés de militância e representatividade que fazem a diferença tanto dentro da academia quanto nos espaços fora da academia (movimentos de mulheres, movimento político, movimento literário, movimentos religiosos dentre outros). Grande parte de seu alunado, assim como elas, não tiveram em suas trajetórias educacionais contato direto com professores negros, conseqüentemente passaram a ter uma visão errônea dos espaços ocupados pelos afrodescendentes. Uma vez que agora docentes universitárias, e, sobretudo, dotadas de um corpo negro e feminino, acabam por se tornar referências positivas³ para alunos e alunas negras.

Ao ter clareza da dimensão histórica e real quanto a ausência de negros e negras nos espaços públicos, inicia-se um processo de retroalimentação da militância, formando novos sujeitos que possam dar continuidade a propostas de equidade e de direitos. Conseqüentemente, revelam assim um compromisso ético de pertencimento e pertença a um segmento expropriado dos espaços de poder. Ao corporificar em si e na prática educativa os princípios da africanidade bem como de luta e enfrentamento, passam a se tornar referência para seus alunos, e comunidade externa que também anseia por mudanças estruturais na sociedade.

³ Se considerarmos o contexto de discriminação presente em nossa sociedade, docentes negras sendo referência para estudantes negros, representa a possibilidade de que os mesmos se enxerguem e se projetem de forma positiva em suas trajetórias profissionais, uma vez que só conseguimos sonhar a partir daquiloque nos é possível sonhar. Sendo assim, para uma jovem negra que não é motivada a pensar em sonhos mais promissores, a capacidade de projetar aparecerá como algo limitado, pequeno, restrito a sua realidade de miséria e pobreza. Seus olhos só conseguirão chegar a um determinado limite, imposto pelas minhas condições materiais de existência.

Neste sentido, cada uma a seu modo, seus dizeres e fazeres, vão recriando e deixando registros de resistência e afrontamentos por onde passam: por meio de novas linguagens e lentes para compreender e “modificar” as bases da dominação. Positivando identidades outrora negados na sociedade, criando outras referências para trabalhar com a diversidade de sujeitos no contexto educacional. Um exemplo claro dessa intervenção e elaboração de estratégias no enfrentamento do racismo tem-se com a criação didática epistemológica do conceito e ação denominado por Pretagogia.

A pretagogia surgiu do desejo mais íntimo de três docentes aqui entrevistadas– Jovelina Pérola Negra, Carolina Maria de Jesus e Preta Zeferina; articuladas, criativamente e engajadas mediante uma proposta de contribuir na formação de professores no que concerne as questões raciais. Como relatado pelas docentes “trata-se de uma pedagogia de preto para preto e branco”, uma pedagogia afrocentrada⁴, que respeita e diz respeito às raízes ancestrais, e suas ramificações.

O objetivo era pensar uma pedagogia que levasse em consideração a negritude, fora do viés eurocêntrico, racista e sexista, articulada em uma educação afrocentrada e focada na cosmovisão africana. No mesmo sentido, a perspectiva da pretagogia, diz muito sobre a liberdade e a produção de um conhecimento afrocentrado. Neste sentido, conceituada como uma pedagogia para negros e não negros, tem por preocupação maior de um ethos individual e coletivo, indo de encontro as concepções de educação como ato de liberdade política, baseada na comum unidade e amorosidade defendida por Bell Hooks (2006), em sua obra “O amor como a prática da liberdade” referendando a igualdade e a coletividade.

Nesta nova forma de conceber e pensar a educação enquanto formação de pessoa em sua humanidade e dignidade, valores e saberes ancestrais ganham forma para além dos saberes ditos da cultura dominante; conduzindo de tal forma, um novo jeito de pensar-se negro, sentir-se negro na totalidade de ser completo, desde intervenções literárias a desconstruções epistemológicas. Sendo assim, tais docentes, não se limitam assim, a “assimilarem e a

⁴ A perspectiva de uma escolarização afrocentrada, repousa no caráter político de uma educação para a conscientização dos dilemas raciais e conseqüentemente, o exercício diário da prática e conquista da liberdade, quer seja liberdade na perspectiva de liberdade teórica, quer no sentido da liberdade material e igual e humanitária, que enalteça a negritude, lutas e resiliência (Hooks, 2013).

integrarem ao sistema”, mas desafiam-se a si mesma a criar sobre si novos dizeres e novas pedagogias para as relações raciais, de maneira positiva, reafirmado presenças e identidades afro-brasileiras.

Trata-se de uma forma diferenciada e recriada para lidar com as situações adversas do racismo de maneira a enfrentá-lo, mediante estratégias de empoderamento e valorização do pertencimento étnico racial negro. Ou nas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, quando a justa raiva, deixa de ser sentimento e passa a se tornar ação concreta no redimensionamento do problema outrora vivido e percebido, culmina em um processo criativo na dimensão da realidade. Dessa forma, avançam no sentido de pensar em ações concretas para superar o racismo dentro e fora do espaço escolar, fazendo jus a lei 10.639/2003, que determina o ensino da cultura afro-brasileira no ensino, a qual em grande parte das instituições de ensino, é sequer conhecida pelo corpo docente. Contribuem assim, em novas maneiras de se pensar as relações humanas para a igualdade e de estratégias no combate ao racismo.

Além da pedagogia, foi mencionado os espaços de socialização científica e popular como os eventos, *Artefatos da Cultura Negra*⁵, já consolidado e realizado anualmente por docentes negras da Universidade Regional do Cariri (Josina Mashel, Nzinga, Filipa do Pará), e *Memórias do Baobá*⁶ (Jovelina Pérola Negra, Carolina Maria de Jesus e Preta Zeferina), como lugares de diálogo e construções de novas abordagens com viés ao pensamento afrocentrado nos quesitos da educação, cultura, arte e religiosidade, tendo como parcerias as Secretarias Municipais de Educação e Universidades do entorno.

Esses eventos são locais de encontro e fortalecimento de tantas outras intelectuais e militantes do movimento negro e movimento de mulheres negras. O *Artefatos*, assim como o *Memórias do Baobá*, são também espaços de encontros, e fortalecimento de quem se insere nesta luta contra racismo, sexismo e hierarquias como um todo. Como ressalta uma das organizadoras do evento *Artefatos*, “o artefatos, foi um espaço de empoderamento extremamente importante porque a partir do artefato a gente conseguiu se articular pra trazer pessoas de outras

⁵ O *Artefatos da cultura negra*, é um evento anual, que acontece no interior do Cariri, e tem como temática a religiosidade, educação afrocentrada e tolerância. É também fruto da articulação entre universidade e as organizações do movimento social reunidos em prol da problematização sobre questões raciais e construções coletivas de enfrentamento.

⁶O *Memórias de Baobá*, um evento anual que propõe a formação afro referenciada em conexão com o Baobá, árvore ancestral africana existente na Praça do Passeio Público, no Centro de Fortaleza.

universidades que passam por essa mesma problemática pra poder fortalecer o trabalho da gente aqui” (Josina Mashel, 2015).

Trata-se de ambientes propícios para construções coletivas de outro tipo de conhecimento, descolonizado e concomitante as raízes ancestrais, tão preconizados na Lei 10.639/2003, que institui o ensino da cultura afro brasileira nos currículos escolares. Importante destacar aqui, que nestes lugares as redes construídas dentre as docentes pesquisadas, se fortalecem e as auxiliam no enfrentamento diário sobre as nuances do racismo e sexismo. Uma se reconhece na luta tecida pela outra e isto lhes confere uma noção de pertencimento nos enfrentamentos e consequentemente a sensação da solidão ou o lutar só, começa a não fazer tanto sentido.

Por fim, cabe destacar que todas as docentes aqui entrevistadas possuem grupos de pesquisa e Núcleos de Estudos Afrobrasileiros- NEABs. Os Neabs, são espaços de atividades de pesquisa e extensão sobre as questões raciais. Como ressaltado por Luiza Mahin e Dandara, estes são lugares nos quais, multiplicam suas ações docentes e contribuem na formação discente, uma vez que a partir da participação no Neab, passam a vislumbrar continuidade na formação acadêmica, mediante a realização de um mestrado e doutorado:

eu formei um grupo só de bolsistas, são todas mulheres (...)É fantástico ver uma menina que, por exemplo, cresceu aqui na serra ali, filha de trabalhadores rurais que ela sonhava no máximo em ser professora do ensino fundamental na cidade e agora está prestes a prestar seleção para o mestrado internacional. A iniciação científica tem sido um celeiro de talentos, e eu adoro isso, adoro celeiro de talentos (Luiza Mahin, 2015).

Considerações finais

As experiências do cotidiano, revelam o reinventar da prática docente e suas respectivas capacidades de agência e poder, no conjunto de relações raciais e de gênero, nas referidas instituições superiores. Quanto ao caráter político da presença e atuação de mulheres negras nos espaços universitários, o fato de “ascender” e se tornar uma professora universitária, não as torna distantes do coletivo ou o desconhecimento das relações conflituosas de raça, sexo e classe. Pelo contrário, as leva a estabelecer cada vez mais elos de aproximação diante a investigações do porquê tais questões ainda não foram solucionadas, bem como procurar estratégias de fortalecimento e enfrentamentos. A preocupação não se restringe apenas com as

questões dentro das universidades, como também a sociedade como um todo, como relata a docente abaixo:

Nós somos poucas professoras negras na universidade, nós temos consciência disso no âmbito nacional, no âmbito estadual e na Universidade Regional do Cariri, mas somos todos, a maioria são educadoras negras militantes do movimento sindical, ou do movimento de mulheres e do movimento negro, então isso, nos impõe, nos coloca na verdade, uma responsabilidade muito grande de elevar o nível cultural, social e de empoderamento de nossas mulheres e principalmente, mulheres trabalhadoras e as mulheres negras. (Nzinga, 2015).

Neste sentido, o que se verifica é uma consciência total de que existem muitos nós além do eu que vive na pele as verticalidades do racismo. Assim, mais do que trajetórias individuais, configura-se também em lutas coletivas, concatenadas com as próximas gerações que estão por vir dentre elas homens e mulheres negros (as). Todas as intervenções e criações partem da concepção de uma escrita contextualizada em primeira pessoa (fala de si e por si), de forma imersa as discussões que as colocam e em nome de inúmeras outras mulheres que estão fora do universo acadêmico. Trata-se de uma relação comprometida com a ciência e a ideia de transformação da realidade, ressignificada através de um jeito novo de pensar, agir e tratar das dimensões sociais.

Referências

DA SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais - doi: 10.5007/2175-795X.2010v28n1p19. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p19>>. Acesso em: 09 març. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOOKS, Bell. Love as the practice of freedom. In: **Outlaw Culture. Resisting Representations**. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por Wanderson Wlor do Nascimento. Disponível em: <file:///C:/Users/simone%20euclides/Desktop/bell%20hooks%20-%20O%20amor%20como%20a%20prática%20da%20liberdade.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir- a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MINELLA, Luzinete Simões. **Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?**. Cad. Pagu, Campinas, n. 40, p. 95-140, June 2013

. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mai. 2016.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher negra professora universitária**: Trajetória, conflitos e identidades. Brasília: Líber Livro Editora, 2006

PETIT, Sandra. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: UECE, 2015.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei 10639 de 9 de janeiro de 2003**. Acesso em 18 de maio 2017; Dispositivo em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>